

**Executivos com mais de 60 anos voltam a ser valorizados pelas empresas**

---

Aos 60 e poucos anos de idade, três executivos, de áreas distintas, têm muito a comemorar este mês. Todos foram convidados a assumir novos postos como presidentes ou membros do "board" de empresas que estão apostando suas fichas na experiência adquirida ao longo de mais de 30 anos de carreira. Um sinal de que o mercado, depois de vivenciar a supervalorização da juventude na época do "boom" da internet, está voltando a reconhecer o talento dos profissionais seniores.

Os "headhunters" concordam que as barreiras para a entrada dos cabelos brancos nas companhias estão aos poucos sendo derrubadas. "Observo uma redução do preconceito", diz Fátima Zorzato, presidente da Russell Reynolds. Guilherme Vellozo, diretor da PMC/The Amrop Hever Group, diz que esta mudança pôde ser observada, em especial, no último ano. Recentemente, sua companhia foi responsável pela colocação de alguns executivos na faixa dos 60 anos.

Para a Lens & Minarelli, empresa de "outplacement", que faz a recolocação de profissionais no mercado a pedido das empresas que os dispensaram, encontrar um lugar para eles hoje parece estar mais fácil. A diretora executiva, Mariá Giuliese, afirma que a mudança é gradativa e vem ocorrendo nos últimos dois anos.

A idade cronológica, de acordo com ela, muitas vezes não é o maior problema para esses executivos. "O fato de muitos terem feito carreira em uma única empresa acaba inflacionando os seus salários, o que dificulta a recolocação", diz. Mariá acredita também que as coisas sejam mais simples para aqueles que, nesta fase, já conquistaram posições de comando, como diretores ou presidentes.

Em alguns casos, emprego novo na maturidade implica em assumir contratos de remuneração com maior risco, mais comprometidos com os resultados. "O importante nesse período da carreira é identificar onde suas competências serão mais valorizadas", diz Karin Parodi, do CareerCenter, que faz aconselhamento e planejamento de carreira.

Boas oportunidades para quem já ocupou posições de comando ao longo da carreira, no geral, podem estar nas empresas nacionais, de menor porte, que estão em fase de crescimento ou que estão querendo dar uma virada no negócio ou nos "start ups" de companhias estrangeiras no país. "Nesses casos, a experiência certamente fará a diferença", diz a consultora.

Denis França Leite, 62 anos, assumiu este mês a diretoria da filial de São Paulo da Cimcorp, empresa nacional de Tecnologia da Informação que faturou, em 2002, perto de R\$ 70 milhões.

Ele foi um dos pioneiros a se especializar em computação no Brasil, no início dos anos 1970. Trabalhou na Promon, na Monsanto e fez parte do "board" da Asea Brown Boveri no país. No novo cargo, tem a missão de ajudar na expansão dos negócios em solo paulista. "Está sendo uma injeção de entusiasmo para mim, depois de 40 anos de carreira", afirma Leite.

No novo posto, a maior parte de sua remuneração será variável e baseada em resultados. Para profissionais experientes como ele, o salário não é o fator determinante para se aceitar um convite de emprego. "Nesse momento da vida, eles já estão com a situação financeira mais consolidada e o que importa é a realização pessoal", acredita a consultora Mariá Giuliese.

"O que me excita é a nova experiência, o desafio. Minha fase de lutar pelo dinheiro já passou", diz Ernoe Eger, 62 anos, que desde segunda-feira, responde pela presidência da Pincéis Condor, empresa sediada em São Bento do Sul (SC) com 1,2 mil funcionários.

Eger trabalhou durante cinco anos fora do Brasil comandando as operações de várias unidades da multinacional Albany International, na França e Itália. Depois de se aposentar, voltou ao país este ano com a intenção de se tornar consultor, como fazem muitos profissionais de sua geração, mas foi surpreendido com três propostas de trabalho.

Reginaldo Zero, 60 anos, que assumiu esta semana a presidência da multinacional Certegy, que tem 1,1 mil funcionários e a intenção de ampliar seus negócios no país, já trabalhou como consultor e diz que prefere a ação de estar na linha executiva das empresas. Ele fundou o American Express (Amex) e deu início às operações da Visanet no Brasil. Com o tempo, ele afirma ter aprendido a olhar a realidade com mais pragmatismo. E enfatiza: "Tenho a mesma vontade de competir de antes".